

## **Mobilização da juventude periférica: análise da ação de um projeto social em Campos dos Goytacazes.**

Raquel Brum Fernandes<sup>1</sup>

A juventude é compreendida em nossa sociedade como uma fase de transformações tanto biológicas quanto psicológicas e sociais. Ela seria também um período de conflitos, já que os jovens estariam ainda se adaptando às regras do mundo “adulto” e dessa forma realizando muitos questionamentos, rupturas e transgressões. Tais posturas seriam peculiares do momento de transição para a maturidade, sendo os jovens ainda incompletos, transformando-se naquilo que efetivamente viriam a ser enquanto indivíduos formados (adultos). De acordo com Hermano Vianna, mesmo nas Ciências Sociais os primeiros estudos dedicados ao tema convergiram na definição da juventude como “(...) um estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, mal-estar, possibilidade de ruptura, crise psicológica, conflito (em outros textos encontramos as palavras instabilidade, ambigüidade, liminaridade, flexibilidade, inquietude).” (1997, p. 12). Dessa forma, segundo o autor, a juventude seria vista como condição transformadora, opositora à ordem social e potencialmente revolucionária. De forma semelhante, o sociólogo português José Machado Pais afirma que:

Enquanto as gerações mais velhas orientam a sua vida por caminhos e valores de segurança e rotina, os jovens escolhem, muitas vezes, as rotas da ruptura, do desvio. Podemos dizer que as velhas gerações tendem a jogar com os valores de forma conservadora. Recorrendo à metáfora do xadrez, dir-se-ia que movimentam os valores no tabuleiro da vida, com passividade e prudência, seguindo a tática do “bispo mau”. Esta tática consiste em colocar o maior número de peões em casas da cor das diagonais por onde os bispos circulam, na suposição de que, desse modo, os peões se defendam mais facilmente. Em contrapartida, os jovens tentam assegurar objetivos de mobilidade e de ataque, mesmo pondo em risco a sobrevivência do bispo. (PAIS, 2006, p. 10-11).

Na análise clássica de Theodore Roszak (1972), ao estudar as juventudes americanas de classes médias da década de 1960, o autor identifica nelas uma rejeição aos valores e comportamentos adotados pelas gerações precedentes. Ele chama assim de “contracultura” todos os comportamentos e experiências construídos a partir dessa rejeição. Novas formas de relacionamentos amorosos, liberdade em relação ao consumo de drogas,

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes.

oposição à política de guerra, à competitividade exacerbada do mercado, às horas excessivas de trabalho, entre outras. Segundo o autor:

Se a contracultura é, como afirmarei aqui, aquele instinto saudável que se recusa, tanto num nível pessoal quanto político, a praticar tal estupro a sangue frio de nossas sensibilidades humanas, então torna-se claro porque o conflito entre os jovens e os adultos em nosso tempo atinge profundidades tão particulares e dolorosas. Numa emergência histórica de proporções absolutamente sem precedentes, somos aquele estranho animal cultural cujo impulso biológico para sobrevivência expressa-se através das gerações. São os jovens, que chegam com os olhos capazes de enxergar o óbvio, que devem refazer a cultura letal de seus antecedentes, e que devem refazê-la numa pressa desesperada. (1972, p.59).

Roszak afirma que em diversos países os jovens se tornaram a única oposição radical efetiva à cultura estabelecida. Esta cultura, especialmente nos Estados Unidos, seria configurada pela intensa valorização da “tecnocracia”, ou seja, do poder absoluto conferido aos especialistas, à técnica, à ciência. Ele defende que a tecnocracia consiste no ponto máximo de organização e sistematização da sociedade industrial. Nela, todas as áreas da vida social seriam reguladas, inclusive os momentos de lazer, as experiências artísticas, místicas e sexuais que seriam relegadas a momentos e/ou lugares específicos (como as férias) e aos indivíduos desajustados (como os loucos). Estariam os jovens, então, revertendo a ditadura tecnocrática em suas biografias, valorizando as experiências ao invés dos planos, o místico ao invés (ou combinado) do científico, o lazer e o descanso ao trabalho, as emoções ao invés da racionalidade.

Entretanto, a associação da juventude a comportamentos questionadores e conflituosos em relação à cultura e ordem vigentes causa também a sua compreensão como condição problemática, perturbadora e potencialmente perigosa. Segundo Fernanda Piccolo:

Em nossa sociedade, a categoria “jovem” tornou-se um “problema social”. A juventude, principalmente a adolescência, é concebida como momento de crise, irresponsabilidade, rebeldia. O jovem é representado como potencialmente perigoso e, como aponta Abramo (1997), nas matérias veiculadas nos meios de comunicação, costuma ser associado a outros “problemas sociais”, como a violência, a exploração sexual, o uso de drogas e a gravidez precoce. (PICCOLO, 2010, p. 110).

Essas concepções referentes à juventude como “problema social” tendem a ser intensificadas quando se referem às camadas populares. As peculiaridades da vida social em territórios de pobreza, especialmente aqueles “governados” ou influenciados por organizações

de traficantes, funcionariam como agravante nesse contexto. De acordo com a autora: “A classificação dos jovens como em 'situação de risco' apoia-se em diversos índices, como local de moradia, a falta de escolaridade e a percepção da ambígua relação de medo e fascínio com os membros do tráfico” (PICCOLO, 2010, p. 114). Já se tornou popularmente conhecida a noção de que a vida nas favelas dominadas por traficantes apresenta aos jovens um universo de desfechos trágicos e ao mesmo tempo oportunidades de status e ascensão social. Dinheiro, armas, mulheres e poder são alguns dos elementos que construiriam o prestígio das lideranças do tráfico, sendo desfilados em tanto maior proporção quanto forem seus cargos no movimento. Segundo a socióloga Sílvia Ramos, a partir de entrevistas e grupos focais realizados com moradores de diferentes favelas do Rio de Janeiro:

As relações entre, de um lado, “conseguir meninas”, “ser assediado por garotas bonitas”, “ser olhado, reconhecido, desejado” e, de outro, “usar armas”, “ser do tráfico”, “virar bandido” foram mencionadas sem exceção por jovens de projeto, rapazes ou moças, traficantes e lideranças. Mesmo quando este ponto não estava em nosso roteiro prévio. (2011, p. 50).

Ao mesmo tempo em que conviveriam com inúmeros colegas, vizinhos e parentes participantes da estrutura do tráfico, os jovens não teriam condições financeiras de acompanhar a crescente oferta de itens de consumo socialmente valorizados. Teriam muitas vezes, famílias desestruturadas, que não proporcionariam o suporte e a educação necessários para os filhos resistirem ao apelo das oportunidades de renda e destaque social aparentemente “fáceis”. A esse cenário, acrescenta-se a evasão escolar de boa parte dos jovens, que deixariam de receber os valores e princípios pertinentes à socialização no sistema de ensino formal, além de não completarem a formação educacional necessária para uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho. Estariam resumidas assim, algumas das versões que compõem recorrentemente o painel explicativo acionado na construção da vulnerabilidade da juventude favelada e utilizado muitas vezes para tentar explicar as “causas” de seu envolvimento com o mundo do crime. Segundo Sento-Sé e Coelho: “São tão volumosas as pesquisas que associam a fragmentação familiar, o fracasso escolar e as baixas perspectivas de futuro a comportamentos criminais reiterados, que tais variáveis se tornaram uma espécie de paradigma para a análise do crime como fenômeno social.”(2011, p.3). Dessa forma, os jovens moradores de favelas são estigmatizados como potencialmente perigosos em sua própria existência, tornando-se um “problema social” a ser controlado.

A partir de tal percepção, diversas iniciativas conhecidas como “projetos sociais” são desenvolvidas em comunidades periféricas com o objetivo de ocupar e educar os jovens locais, a fim de evitar seu envolvimento em organizações criminosas. A expressão “projetos sociais” popularizou-se em referência a diferentes organizações, de variados caracteres, proporções e objetivos específicos (NOVAES, 2006), embora todos sejam assim chamados por terem em comum o propósito de promover alguma transformação social em relação aos determinismos socioeconômicos das áreas pobres. Alguns projetos foram criados por pessoas das comunidades, outros por empresas ou ONGs de fora já reconhecidas e outros são políticas públicas de governo, além daqueles que são realizados através de “parcerias” entre alguns ou todos esses. De acordo com Regina Novaes:

Para aqueles que têm acesso, os projetos podem contribuir para a supressão de certas marcas de exclusão pelo aumento da escolaridade, da capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero, de pertencimento local comunitário. Os projetos sociais tornaram-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão. (2006, p. 113-114).

Assim, através de aulas, cursos ou apenas atividades de ocupação momentânea, esses projetos buscam proteger os jovens das influências do meio externo e, ao mesmo tempo, proteger outros grupos sociais da presença desses jovens que, como mencionado, são constantemente associados à criminalidade violenta. Esses “projetos sociais” se tornaram importantes atores nas configurações políticas e sociais das comunidades, mobilizando e participando da vida coletiva, embora nem sempre a participação juvenil em suas atividades seja considerada satisfatória.

### **Jovens de Periferia, Projetos Sociais e Identidades**

Em desenvolvimento desde 2016 no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, a pesquisa Jovens de Periferia, Projetos Sociais e Identidades tem como objetivo compreender o funcionamento dos “projetos sociais” destinados às juventudes periféricas, especialmente as moradoras de favelas, na cidade de Campos. A análise proposta aqui parte dos resultados iniciais da pesquisa, após o

encerramento das observações no primeiro “projeto social” estudado. Trata-se de uma iniciativa que surgiu a partir de uma capela construída por um morador e que atualmente, com o suporte de uma instituição religiosa, oferece aulas e oficinas para crianças e jovens de quatro a dezoito anos, entre elas aula de artes, informática, psicomotricidade, oficinas de cerâmica e de teatro. Fica localizada em uma favela que passou, nos últimos anos, por um processo intenso e conflituoso de remoção de moradores para áreas de assentamento e moradias populares designadas pela prefeitura. A ampliação de investimentos na área habitacional pela prefeitura de Campos tem ocorrido, desde 2008, através da criação de conjuntos habitacionais em áreas afastadas do centro da cidade, para onde seriam transferidas famílias moradoras de áreas consideradas “de risco” e vulneráveis (MENDES, GOMES, SIQUEIRA, 2014). Entretanto, segundo os autores:

Nesse sentido, pode-se afirmar que, em função da dinâmica imobiliária que está ocorrendo no eixo de expansão urbana onde se localiza a Favela [...], a presença das famílias em questão constitui um elemento negativo a essa lógica. E assim, o Estado, atuando de acordo com os interesses desse segmento econômico, incumbe-se da sua remoção.(MENDES, GOMES, SIQUEIRA, 2014, p.47).

Essa valorização da área da favela por investimentos públicos e privados em suas proximidades, junto ao aumento dos rumores sobre a remoção de moradores e a falta de informações concretas por parte do poder público teriam motivado, em 2011, o “projeto social” em questão a propor uma mobilização coletiva pela garantia do direito à moradia e convivência comunitária (OLIVEIRA et al, 2012). Segundo a gestora do projeto, em entrevista à pesquisa, diversas reuniões foram organizadas com o objetivo de discutir as remoções entre os moradores, promover o surgimento de novas lideranças comunitárias (especialmente jovens) e esclarecer sobre os aparatos legais que regimentam o direito à moradia e a vida comunitária. Uma nova associação de moradores teria sido criada dentro do propósito de organizar a representação comunitária frente aos órgãos públicos e um conjunto de manifestações coletivas (como passeatas e abaixo-assinado) teriam ocorrido nos anos seguintes como processo de resistência às remoções desordenadas e arbitrárias realizadas pela prefeitura.

Atualmente, tendo parte da comunidade sido removida para as unidades habitacionais construídas, o projeto continuaria trabalhando para promover, através de suas diversas atividades, os vínculos entre os moradores (inclusive os que já não residem na

região) e a proteção dos seus direitos. A pesquisa entrevistou cinco profissionais que faziam parte da equipe técnica do “projeto social” estudado e todas elas destacaram em suas falas a importância do trabalho de produção e fortalecimento dos vínculos comunitários. Como pode ser observado na fala da fonoaudióloga do projeto, em entrevista à pesquisa:

O importante daqui, o ponto central, é fortalecimento, né, dos vínculos que o projeto tenta promover entre família e comunidade, comunidade com o meio externo ali. E no sentido de mostrar que tem pessoas bacanas que se identificam com esse lugar e que por se identificarem com esse local, o projeto tem esta questão de agregá-los... O projeto (...) é uma oportunidade de mostrar pra galera aí fora que aqui existe uma sociedade muito ativa muito participativa nas questões sociais.

Dessa forma, revela-se uma compreensão de que o estímulo dos vínculos entre os moradores estaria diretamente associado a uma maior participação da comunidade nas discussões e pleitos perante órgãos públicos e privados, buscando um papel ativo na luta pela garantia de seus direitos. A juventude local seria o grupo chave a ser incentivado e mobilizado, produzindo novas lideranças que possam representar a comunidade perante os demais grupos sociais. A educadora social entrevistada, que trabalha na oferta de aulas de informática, ao se referir à favela em que está localizado o projeto e ao processo de remoção dos moradores, diz:

Aqui o pessoal eu acho eles muitos unidos, a parte que saiu, saíram por pressão, porque você não tem uma casa estruturada, você não tem uma casa com banheiro e chega uma pessoa e diz: “eu vou te dar uma casa em tal lugar assim”, bonitinho e tal, é claro que... quem não quer ter uma estrutura melhor né? Então eles não oferecem aqui uma estrutura melhor, a prefeitura e tal. Eles querem tirar daqui porque é perto do empreendimento, então eles não querem uma favela do lado deles. Mas eu acho que assim a parte que ficou só ficaram por que são unidas por que acreditam que aqui são suas raízes. Porque imagina, tem pessoas que moram aqui 50 anos, uma vida toda criadas aqui, criados seus filhos e netos e vieram os bisnetos... estão aqui, então a característica daqui é a união.

A importância dos vínculos comunitários estaria também localizada, na visão das profissionais entrevistadas, naquilo que favorecem a socialização das crianças e jovens dentro de valores e objetivos considerados saudáveis. Como pode ser observado na fala da psicóloga da equipe: “O objetivo do projeto... já falei, o principal é o fortalecimento de vínculos comunitários e familiares e dentro disso todas as questões que envolvem as crianças e adolescentes para que eles possam ter desenvolvimento saudável”. Todas as entrevistadas

destacam o papel educador e socializador do projeto, que, através não apenas de suas aulas e oficinas, mas principalmente da convivência em seu espaço e momentos, proporcionaria aos participantes novas formas de sociabilidade, mais “saudáveis” e legítimas.

Eu passei a entender melhor a questão de vínculos, até questões assim de pensamentos que você escuta na rua: “que adolescente rebelde merece ser enquadrado, bandido bom é bandido morto” e aí você começa a conviver com certos tipos de histórias que você começa a entender que não é isso. Um projeto como esse dá muito futuro, evita muitos problemas no futuro. O menino que é assistido aqui, mesmo sendo rebelde num ambiente familiar e conturbado, se ele tem um lugar como esse pra pode fazer uma formação nele enquanto indivíduo, com certeza isso vai refletir lá na frente... deixa de ser aquele menino sem futuro... pra mim mudou muita coisa, mudou a concepção de enxergar a realidade das pessoas... fica muito fácil você só falar daquilo de onde você está, da rua pavimentada. Mas quando você começa a estar dentro do seio desse tipo de lugar onde você entende as dificuldades que as pessoas enfrentam e mesmo assim elas não desistem de estar aonde estão, elas não abrem mão de continuar onde vivem e a meu ver não devem mesmo porque há uma identidade, você tem seu nome, sua identidade, mora na [...] Pra essas pessoas é uma escolha bacana você ter esse convívio com as pessoas, como é legal você trabalhar o fortalecimento desse vínculos [...] Fazer barulho pras pessoas verem a gente, aqui também é só uma comunidade, né, mas isso aqui tem estrutura de moradores, de gente que trabalha e estuda como qualquer outro bairro, cada um dentro da sua realidade. (Fonoaudióloga da equipe).

As entrevistadas destacam a existência de antigos participantes do projeto que hoje frequentam cursos de nível superior e ocupam cargos profissionais de prestígio. Afirmam que esses são exemplos do sucesso do projeto, embora a inserção profissional concreta dos jovens não seja feita pela iniciativa. Segundo uma das entrevistadas: “O objetivo não é encaminhar para o mercado de trabalho mas contribuir para essa formação. Para eles refletirem sobre o quanto é importante continuar na escola, para ter uma profissão legal, fugir do amadorismo do trabalho não protegido”. Dessa forma, o papel fundamental da iniciativa na construção de trajetórias biográficas consideradas positivas é constantemente enunciado. As entrevistas revelam uma compreensão da juventude local como um produto das múltiplas carências experimentadas por toda a comunidade. Caberia ao projeto, em associação com as famílias e a escola, compensar tais carências em alguma medida, oferecendo cuidado, valores e orientação. A educadora de informática entrevistada resumiu o objetivo do projeto da seguinte forma: “Construir cidadãos de bem”. Para cumprir esse objetivo, seriam realizados também acompanhamentos das famílias e do desempenho escolar dos participantes, a fim de potencializar a assistência e o trabalho desenvolvidos pelo projeto.

As atividades que oferecem aqui é a capoeira, informática, teatro, psicometricidade, oficina de cerâmica, e cada oficina trabalha um pouco. Pensa que informática só mexer no computador, mas na hora da avaliação eu aprendi como respeitar o meu colega. Aqui a gente tem nossas regras e tentamos passar esses valores a eles, porque não basta só você estar num grupo, você tem que ter respeito, tem que saber falar, então cada oficina ajuda. (Educadora social).

Todas as entrevistadas destacam ainda que apesar de as atividades serem destinadas aos jovens e crianças, o projeto recebe diversos moradores com demandas variadas de assistência (como a busca por cestas básicas, informações médicas ou orientações profissionais), as quais seriam atendidas de acordo com as possibilidades da equipe e da organização. Dessa forma, o projeto é descrito como mediador de dificuldades e situações conflituosas na comunidade (ROCHA, 2011), encaminhando os moradores para as possíveis soluções de suas demandas e conflitos.

Além das profissionais que trabalhavam no projeto, a pesquisa contou também com sete entrevistas a jovens que frequentavam as atividades oferecidas. Foram cinco homens e duas mulheres, com idades entre onze e dezessete anos. Todos disseram que gostavam de participar do projeto, tendo dois deles respondido que “gostavam muito”. Quatro pertenciam a famílias removidas para os conjuntos habitacionais e três moravam na favela onde o projeto está localizado. Quando perguntados sobre o que mais gostavam no projeto, todos os jovens se referiram às atividades das quais participavam. Como pode ser observado nas falas a seguir:

Eu gosto de jogar futebol no campo, oficina de cerâmica, porque eu gosto, acho bacana de brincar com barro, é legal. (Luís, 17 anos)

Eu gosto de jogar futebol no campo, gosto da oficina de cerâmica. (João, 15 anos)

Quais são seus objetivos ao participar do projeto? Por quê?

Gosto de ficar aqui porque adoro fazer as oficinas especialmente de teatro (Evelin)

Em resposta à pergunta de como ser veriam daqui a dez anos, três (homens) responderam que queriam ser jogadores de futebol, um disse que queria ser artista de



cerâmica e o outro engenheiro mecânico ou trabalhar com cerâmica. Entre as mulheres, uma disse querer ser policial militar e a outra psicóloga. Sobre a existência de relação entre a participação no projeto e seus planos para o futuro, os jovens afirmam que:

Acho que sim por causa da escola, aqui eles ajudam com exercícios de casa, se tiver dificuldade com alguma matéria eles ajudam. (João, 15 anos)

Talvez sim, eles ajudam na escola, eles aqui no projeto ajudam a arrumar emprego. (Alberto, 16 anos).

No caso de Luís, de 17 anos, a relação entre o projeto e a futura trajetória profissional já foi apresentada no início da entrevista:

Quais são seus objetivos ao participar do projeto?

Pretendo futuramente fazer um curso de cerâmica (Luís, 17 anos)

De forma diferente das profissionais entrevistadas, ao serem perguntados sobre as relações do projeto com a comunidade local, os jovens não destacam a atuação da iniciativa no processo de resistência às remoções ou mesmo sua função como organizador e mobilizador social na comunidade. Na verdade, as remoções de moradores da favela local para os conjuntos habitacionais só foi mencionada em duas entrevistas. Em uma delas, o jovem Orlando, de 12 anos, diz que morava na favela onde está localizada o projeto “até a prefeitura tirar a gente”. Como pode ser observado nas falas a seguir:

O que você mudaria no lugar onde mora?

Não sei.

O projeto poderia ajudar?

Não sei. (Luís, 17 anos, morador do conjunto habitacional construído pela prefeitura).

O que você mudaria no lugar onde mora?

Não, tá bom aqui a comunidade. (João, 15 anos, morador da favela onde está localizado o projeto)

O que você mudaria no lugar onde mora?

Não mudaria nada não.

O projeto poderia ajudar?

Não sei não. (Alberto, 16 anos, morador da favela onde está localizado o projeto)

Como é o local onde você mora?

Nas casinhas, lá é tudo igual, mas quem quer mudar um pouco pode pintar.

Mudaria alguma coisa lá?

Humm... não. (Yara, 11 anos, moradora do conjunto habitacional construído pela prefeitura).

Como é o local onde você mora?

É as casinhas

Mudaria alguma coisa lá?

Ia melhorar o campo e a quadra pra gente jogar bola (Orlando, 12 anos, morador do conjunto habitacional construído pela prefeitura).

As entrevistas revelam que os jovens parecem perceber a atuação do “projeto social” muito mais no atendimento individualizado das necessidades dos moradores do que na mobilização coletiva e fortalecimento comunitário.

Como é a comunidade onde o projeto está localizado?

Sei lá, acho que é tranquilo.

Qual a relação do projeto com a comunidade?

Boa relação. (João, 15 anos).

Qual a relação do projeto com a comunidade?

Acho que o povo que mora aqui gosta do projeto sim [...] o povo sempre vem aqui pra pedir algo. (Alberto, 16 anos).

Você recomenda o projeto para pessoas que você conhece?

Sim porque depois que eu entrei no projeto e comecei a fazer teatro melhorei muito a minha fala porque eu sou gago, recomendo sim aqui, bom me sinto à vontade aqui. Também tem acompanhamento escolar, eles vão na escolar ver se o aluno tá frequentando, tem o conselho tutelar também, eles ajudam mesmo.

[...]A galera da comunidade gosta do projeto, aqui tudo parceria, o projeto sempre tenta ajudar a comunidade, cesta básica se tiver gente precisando.

Eles sempre ajudam de algum jeito, as crianças na escola a fazerem a lição de casa, arrumar serviço, muito bom o projeto. (Ronaldo, 16 anos)

Os jovens reafirmam o que as profissionais dizem sobre o atendimento de necessidades múltiplas dos moradores no projeto, como a orientação sobre o acesso a serviços públicos e a informação sobre possibilidades de emprego e carreira. Dessa forma, pode-se perceber que a atuação do projeto na comunidade é percebida pelos jovens e valorizada, embora eles destaquem ações distintas das mais enfatizadas pelas profissionais. De qualquer forma, se a proposta do fortalecimento comunitário e da formação de lideranças juvenis atuantes não parece ser percebida ou fomentada pelos jovens participantes do projeto, por outro lado, a divulgação de trajetórias consideradas saudáveis, com foco na inserção profissional formal, parece totalmente absorvida pelos jovens. Tais trajetórias consideradas “saudáveis”, embora permitam em sua construção certa variedade de interesses e habilidades, permanecem, em sua maioria, fazendo referência ao modelo tradicional biográfico, que segundo Adalberto Cardoso consistiria em:

(...)uma concepção de trajetória de vida típica do capitalismo organizado, ou do Estado de Bem-Estar Social, segundo a qual a entrada na fase adulta estava associada à obtenção de um emprego, em uma seqüência de eventos que conectava, de forma mais ou menos estruturada, nascimento→socialização em família→entrada na escola→entrada no mercado de trabalho, essa última coincidindo, no mais das vezes, com a constituição, pelo jovem, de sua própria família. (2008, p. 581-582).

Todos os entrevistados, ao serem perguntados sobre seus planos de futuro, falaram exclusivamente da questão profissional, explicando a carreira e/ou emprego que desejam obter. De acordo com Adalberto Cardoso (2008) a importação desse modelo tradicional biográfico para a sociedade brasileira nunca foi concretizada, devido às variadas incoerências na área educacional e no mercado de trabalho, embora permaneça no imaginário de muitos grupos. Dessa forma, por mais que não existam as condições sociais para que os jovens, especialmente os pobres moradores de periferias, cumpram a escolarização formal e posteriormente sejam inseridos no mercado de trabalho de forma apropriada, essa trajetória permanece figurando como ideal e sendo estabelecida como meta para a socialização dos jovens. Mas não se trata aqui de analisar a possibilidade concreta dos jovens participantes do “projeto social” estudado alcançarem as profissões e empregos que desejam. O objetivo é

destacar como o ideal da trajetória biográfica considerada positiva ou “saudável”, que passa necessariamente por uma inserção profissional formal e que baseia o funcionamento de “projetos sociais” pelas diversas periferias do país, é transmitido aos jovens participantes passando a basear também os seus discursos sobre o futuro.

## Referências

CARDOSO, A. Transições da Escola para o Trabalho no Brasil: Persistência da Desigualdade e Frustração de Expectativas. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n 3, p. 569-616, 2008.

MENDES, J; GOMES, M; SIQUEIRA, A. Políticas Públicas, Moradia Popular e o Programa Morar Feliz em Campos dos Goytacazes-Rj: Uma Análise Acerca da Favela Margem da Linha. *Libertas*, v. 14, n. 1, 2014.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I.; EUGÊNIO, F. (Orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 105-120.

OLIVEIRA, D. B. B. et al (2012). À Margem da Linha: exclusão social X defesa e garantia de direitos, Disponível em: <<http://inculturacao.salesianos.br/artigo-a-margem-da-linha-exclusao-social-x-defesa-e-garantia-de-direitos-apresentado-pelos-educadores-do-centro-juvenil-sao-pedro/>>. Acesso em: 10/02/2018.

PAIS, J. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I.; EUGÊNIO, F. (Orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 7-21.

PICCOLO, F. Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca. In: VELHO, G.; DUARTE, L. F. (Orgs.). *Juventude Contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010, p.110-128.

RAMOS, S. Trajetórias no tráfico: jovens e violência armada em favelas cariocas. *Revista Eletrônica Trivium* [periódico na internet], Rio de Janeiro, ed. 02, ano 03, p.41-57, 2011. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-iii/artigos-tematicos/trajetorias-do-trafico-jovens-e-violencia-armada-em-favelas-cariocas.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2013.

ROCHA, L. Representações e autorrepresentações: notas sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos sociais de audiovisual. In: 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011, Caxambu. Anais eletrônicos... Caxambu: Anpocs, 2011.

ROSZAK, T. A contracultura, reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SENTO-SÉ, J. T.; COELHO, M. C. Sobre Errâncias, Imprecisões e Ambivalências: notas sobre as trajetórias de jovens cariocas e sua relação com o mundo do crime". Relatório de pesquisa (inédito). Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, H.(Org) Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.